

A Estética e o Belo

O fato de que a *Estética*, como disciplina filosófica autônoma haver surgido apenas no século XVIII não quer dizer que os temas que ela aborda nunca antes houvessem recebido a atenção dos filósofos. Arte e beleza já eram temas da filosofia desde o século IV antes de nossa era, quando Platão deles tratou em diálogos como *República*, *Íon*, *Leis* e *Banquete*. É no *Banquete*, ou *Simpósio*, que ele ataca o problema das relações entre beleza e prazer sensível. O tema do *Banquete* é o *amor*. Na parte final do diálogo, o personagem Sócrates relata os ensinamentos que teria recebido de uma estrangeira misteriosa, segundo os quais o amor nada mais seria que a busca pelo *belo*. Essa busca começaria no plano da sensibilidade e do prazer corpóreo, porém, após um longo processo de educação e espiritualização terminaria na pura contemplação racional da *idéia do belo*, na qual se revelaria finalmente a essência eterna e atemporal da beleza.

A teoria platônica das *idéias*, em que se funda esta concepção da beleza, é vista como marco inicial de uma tendência racionalista do pensamento ocidental que em grande medida obstaculizará o desenvolvimento das reflexões estéticas. Segundo esta tendência, a razão é considerada ao mesmo tempo como dom supremo da humanidade e como oposta aos sentidos. Como arte e beleza estão claramente vinculadas à esfera do sensível, foram por muito tempo consideradas como temas menores e pouco compatíveis com a dignidade da filosofia. Esta, pensava-se, deveria ocupar-se com o conhecimento da essência das coisas e do mundo, enquanto que a arte e o fenômeno do belo se circunscreveriam apenas ao domínio das aparências. Já o próprio Platão costuma ser mal visto pelos defensores da arte, pelo fato de não haver permitido a existência de poetas e artistas na *cidade ideal* que imagina em seu diálogo *República*. Sem entrarmos neste mérito, podemos dizer que apenas quem não o leu diretamente pode tomar Platão como “inimigo da arte”. Pois quem o fez certamente percebeu que o suposto “inimigo da arte” é na verdade um artista, e, de fato um dos grandes. Seus Diálogos, além de monumentos inconteste do saber filosófico, são obras literárias de primeira magnitude, que demonstram notável maestria no domínio de todos os gêneros poéticos existentes na sua época, sendo possível ver neles nada menos que o protótipo do gênero literário do *romance*. Justamente o *Banquete* é uma de suas mais poéticas e artisticamente inspiradas obras.